



| | | |
|-------------------------------|-----------------------------|------------------------------|
| Veículo: O Liberal | | |
| Data: 08/03/2018 | Caderno: Atualidades | Página: 05 |
| Assunto: Dia da Mulher | | |
| Tipo: Notícia | Ação: Espontânea | Classificação: Neutra |

Educação e informação são formas de combater desrespeito e violência

Já o preconceito por ser mulher e negra é enfrentado todos os dias e em vários lugares pela jovem Débora dos Santos da Silva, de 18 anos. Ela pertence à comunidade quilombola Igarapé Preto, no interior de Baião, sudoeste do Pará, e se gradua na Universidade Federal do Pará (UFPA), em Belém. Débora afirma que a luta do cotidiano fez com que hoje acredite ser mais fácil lidar com o problema. “Ser mulher e negra no Brasil ainda é árduo, porque existe muito racismo. Eu gosto de ser negra, aprendi a amar minha identidade com meus pais e a cada dia saio para a luta, para o enfrentamento e busco levar informação às pessoas, pois acredito que isso ajuda a diminuir a discriminação”, aponta a estudante.

O preconceito também é assunto recorrente para Denise Cardoso, professora de Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFPA e pesquisadora na área de gênero no Grupo de Estudos e Pesquisas

sobre Gênero Eneida de Moraes, criado há 23 anos. Atuando nas linhas de pesquisa em cultura, arte, política e sexualidade, ela também frisa que as mulheres obtiveram diversos avanços que ajudam no combate à violência contra elas, como no mercado de trabalho, na escolaridade, nos direitos (principalmente a Lei Maria da Penha e o nome social para as transexuais), na discussão de gêneros nas escolas, na luta das mulheres nas questões ambientais e os saberes tradicionais relacionadas aos grandes projetos, entre outros.

“No entanto, ainda existem muitos preconceitos em relação a gênero, em especial nos espaços públicos com as mulheres negras, pobres e transexuais. A luta deve ser pela educação e as escolas formais têm que primar pelo respeito diante das diferenças e os direitos como cidadãos. O feminismo luta pela igualdade e não é inferior ao machismo, mas igual, embora seja diferente”, finaliza Denise Cardoso.